

Agatha Christie: Como viajar pelo mundo influenciou uma escritora atemporal

Agatha Christie: How traveling around the world influenced a timeless writer

Yls Rabelo Câmara

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

ylscamara@hotmail.com

orcid.org/0000-0002-2009-5022

Recibido: 28/1/23 Aceptado: 19/2/23

Resumo: Este trabalho objetiva mostrar como o hábito de viajar pelos mais diversos rincões do planeta influenciou uma das maiores escritoras da Literatura Universal: Agatha Christie, que já vendeu mais de dois bilhões de exemplares de seus livros, em mais de cem idiomas – o que faz da “Dama do Crime” a romancista mais lida do mundo. Por meio de suas viagens, quer quando criança, com sua família, quer acompanhando seu segundo esposo, arqueólogo, Christie inspirou-se nos conhecimentos adquiridos durante esses momentos de aquisição de saberes e de troca de experiências para plasmar o que deles decantou em forma de personagens, cenários e tramas inolvidáveis, cimentados em seus mais de oitenta romances, publicados durante sua longa carreira literária, que se estendeu por quase sessenta anos. Para ancorar nossas considerações em torno dessa escritora, neste sentido, amparamo-nos em sua autobiografia (Christie, 2017), em Massi (2011) e em Pires (2005), dentre outros. Concluímos que as muitas viagens que alimentaram o espírito aventureiro de Agatha Christie foram imprescindíveis para a experiência narrativa da autora enquanto viajante-escritora e escritora-viajante.

Palavras-Chave: Agatha Christie – Viagens – Carreira literária – Inspiração – Criatividade.

Abstract: This paper aims to show how the habit of traveling to the most diverse corners of the planet influenced one of the greatest writers of Universal Literature: Agatha Christie, who has sold more than two billion copies, in more than a hundred languages – what makes the “Lady of the Crime” the most read novelist in the world. Through her travels, whether as a child, with her family, or accompanying her second husband, an archaeologist, Christie was inspired by the knowledge acquired during those moments of knowledge acquisition and exchange of expe-

riences to shape what she decanted from them in form of unforgettable characters, scenarios and plots, cemented in her more than eighty novels, published during her long literary career, which spanned nearly sixty years. To anchor our considerations around this writer, in this sense, we rely on her autobiography (Christie 2017), in Massi (2011) and in Pires (2005), among others. We concluded that the many trips that fueled Agatha Christie's adventurous spirit were essential for the author's narrative experience as a traveler-writer and traveler-writer.

Keywords: Agatha Christie– Travel– Literary career– Inspiration– Creativity.

1. Considerações iniciais

Agatha Christie é mundialmente conhecida e reconhecida como uma das escritoras mais emblemáticas de todos os tempos e o vulgo a relaciona com o mistério e com as histórias mais instigantes de assassinatos célebres e investigadores *idem*. Ela foi tudo isso e muito mais: trata-se de uma mulher polifacética e vanguardista, que desafiou as limitações de seu contexto histórico-político e social e se impôs como uma referência literária basilar para todos e todas que passaram a escrever romances de mistério depois dela.

Além de haver nascido em uma família abastada, de haver crescido em um lar atípico e de haver se casado com homens economicamente favorecidos, Christie teve o privilégio de viajar por quase todo o mundo e de conhecer inúmeras culturas, línguas, tradições e costumes que ela integrou ao seu sistema de escrita, eternizando-os em cenários, personagens e tramas de seus livros irrepetíveis.

Agatha não apenas plasmou em palavras algumas das muitas pessoas que conheceu nesses lugares que visitou e nas situações que vivenciou, mas usou de seu engenho e arte para criar histórias que atravessaram gerações e continuam impressionando leitores e críticos atuais pela criatividade e pela forma singular como foram escritas – que prendem a atenção do público leitor e o desafiam a descortinar casos intrigantes juntamente com quem as gestou: a verdadeira *Lady of Crime* – a nosso ver, jamais superada, por mais que tenhamos tido excelentes escritoras de romances policiais contemporâneas suas, mas, principalmente, depois que ela encerrou sua carreira literária oficialmente.

Atendendo ao tema tratado neste evento, sobre escritoras viajantes e viajantes escritoras, cujas narrativas refletem seu tempo e seu contexto, aqui expomos como as viagens influenciaram essa escritora única e atemporal. Para tanto, com o fito de melhor entendermos como essa influência se deu, este trabalho está dividido em três partes distintas e, ao mesmo tempo complementares. Primeiramente, o percurso metodológico, onde explicamos a metodologia que nos permitiu pesqui-

sar, analisar e chegar a algumas conclusões acerca do que nos propomos investigar. Em seguida, o marco teórico, no qual traçamos algumas linhas sobre a biografia de Agatha Christie. Por último, o cerne de nosso escopo nesse artigo: os resultados e as discussões, seção onde apresentamos Agatha Christie como escritora e como suas múltiplas viagens e o consequente contato seu com outras culturas influenciaram sua escrita e seus escritos.

2. Percurso metodológico

Esta pesquisa, um levantamento bibliográfico de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivo exploratório, almeja mostrar a influência, na obra de Agatha Christie, das incontáveis viagens que ela fez durante toda a sua longa vida. Sendo assim, dedicamo-nos primeiramente a procurar trabalhos acadêmicos (artigos, trabalhos completos publicados em anais de eventos, monografias, dissertações, teses e relatórios de pós-doutoramento) em buscadores, repositórios e bases de dados, tanto para ficharmos as citações diretas como para elaborarmos paráfrases e citações indiretas que usaríamos no texto a ser tecido, assim como para servir-nos também de aporte teórico.

Destarte, primeiramente, por meio de alguns descritores que julgamos pertinentes, tais como “Agatha Christie e viagens”, “Viagens e a obra de Agatha Christie”, “Agatha Christie influenciada por viagens”, buscamos e baixamos alguns livros, utilizando-nos do filtro temporal dos últimos cinco anos, e os guardamos em uma pasta no Google Drive. Esse processo de busca impressionou-nos deveras, pois não encontramos materiais acadêmicos mais recentes e que contemplassem o que buscávamos. Portanto, resumimos nosso *corpus* aos livros encontrados, com exceção de um artigo. A seguir, passamos à leitura de cada um deles, descartando os que não coadunavam com o que buscávamos e fichando os que correspondiam à nossa proposta.

Com os fichamentos feitos, tínhamos, então, material suficiente para ancorar nossa pesquisa, endossar nossas palavras e, sempre quando necessário, parafrasear ou citar direta e/ou indiretamente alguns escritores que se debruçaram sobre a vida e a obra da autora em questão.

3. Marco teórico

3.1. Agatha Christie – uma longa vida em linhas breves

Conforme Montijano-Ruiz (2019:13), Agatha Mary Clarissa Miller nasceu na

costa de Devon, em Torquay, no Reino Unido, em 1890, falecendo em Londres, em 1976, com o nome de Agatha Mary Clarissa Christie. Era a terceira filha e também a filha mais nova do casal Clara Boehmer e Frederick Alvah Miller: uma inglesa e um norte-americano. Ele viajava muito e ela ficava em casa com os filhos, rodeados pelos serviçais. Nascida em uma família privilegiada da classe alta, Agatha teve uma educação caseira, recebendo as lições diretamente de seus pais e dos preceptores por eles contratados até completar quatorze anos.

Além disso, fora criada em um ambiente esotérico ¹, o que desenvolveria nela, mais adiante, o gosto pela paranormalidade. Essa precocidade já delineava a escritora primorosa que chegaria a ser dali a poucos anos: aprendera a ler sozinha, aos quatro anos de idade e, mau grado seu, tomou lições de francês com sua irmã mais velha, Madge. Não gostava desse idioma porque não lhe via aplicabilidade prática. O futuro encarregar-se-ia de mostrar-lhe o quanto se equivocava ao pensar inicialmente assim. (Curran 2009:72)

Morgan (2018:90) expõe que a jovem, assim como seus irmãos, aprendeu a tocar vários instrumentos ainda na infância – dentre eles, o piano, o violão e o bandolim. Sonhava em ser pianista e estava se preparando para isso, mas sua timidez visceral (e que perdurou por toda a sua vida) a impediu de realizar esse sonho. Portanto, desviou-se do percurso artístico primeiramente sonhado para outras paragens onde poderia conceber suas preciosidades sozinha, como o teatro e a Literatura. Interessante é pontuarmos aqui que Agatha era tão sumamente tímida e reservada que conhecemos poucas entrevistas que ela tenha concedido. Quando o fazia, escondia-se por trás de ironias e tiradas impregnadas de humor, tão típicas dela, mas que ela exacerbava para proteger melhor a si mesma de ficar exposta, já que não era acostumada a isso.

Além de se dedicar aos livros, sendo desde muito menina uma leitora voraz, juntamente com seus irmãos, foi adepta de vários esportes (muitos deles, de risco), quando o que se esperava de uma senhorita com sua educação e de estamento social eram a delicadeza nos gestos, o comedimento no comportamento e a voz aveludada nas declamações de poemas em francês para os comensais que acudiam aos saraus que sua família promovia, por exemplo. Curran (2009:23) assevera que diferentemente disso, Christie era uma amante dos esportes aquáticos, como a natação e o *surf*, e de outros mais radicais, como a patinação. Destacou-se em vários deles e foi a primeira britânica a se colocar de pé em uma prancha de *surf* e frequentemente era vista nadando em alto mar – fê-lo até o fim de seus dias, mesmo estando já debilitada.

1 Em muito influenciado pelo Espiritismo Kardecista extremamente em voga em sua infância, na França, que pela proximidade com a Inglaterra, a influenciava em muitos aspectos, e também pelo fato de que sua mãe era médium e fazia experiências mediúnicas em casa. (Nota da Autora).

Segundo ela, em sua autobiografia (Christie 2017:95), aos quinze anos, tendo seu pai falecido quatro anos antes, trasladou-se a Paris para estudar em alguns institutos famosos por receberem filhos e filhas de nobres, assim como de ricos burgueses, como era o seu caso. Em 1910, aos vinte anos, passou uma temporada de três meses na cidade do Cairo a fim de ajudar sua mãe a curar-se de uma depressão, uma vez que a família já não estava tão bem financeiramente. Em terras egípcias, a jovem Agatha frequentou os eventos promovidos pela alta sociedade e envolveu-se com alguns rapazes, mas sem assumir compromisso oficial com nenhum deles.

Claramente, sua mãe estava ali com ela não apenas para curar-se da melancolia que se abatera sobre si, mas para apresentar sua filha àquela sociedade fina e seleta da capital egípcia, cujo país ainda era, naquele momento, uma colônia britânica (somente o deixaria de ser em 28 de fevereiro de 1922) e, se possível, conseguir-lhe um bom casamento. Contudo, em 1912, o coração da jovem enlaçou-se com o do aviador indiano Archibald Christie, da *Royal Flying Corps* (Corpo Real de Aviadores da Inglaterra).

Com a inevitável I Guerra Mundial se aproximando, Christie (*ibidem*:98) explica que ele lhe propôs casamento, que ela aceitou e que ambos, já casados, rumaram para a França, onde ele tinha seu posto. Era 1914, início deste confronto bélico que se estenderia pelos quatro anos seguintes. Enquanto ele servia à Inglaterra no *front* francês, ela servia ao seu país ali também, mas como enfermeira voluntária, especificamente como dispensária de medicamentos, e nesse ofício aprendeu muito sobre venenos – conhecimento que lhe seria extremamente útil para os romances que escreveria, pois muitas de suas personagens morrem envenenadas.

Sobre essas particularidades no tocante a substâncias venenosas e o assassinato de muitas de suas personagens em muitos de seus romances, temos que:

Habitualmente las sustancias tóxicas o xenobióticos se administran por vía oral y la absorción tiene lugar en el estómago y sobre todo en el intestino delgado; por vía porta llegan al hígado, donde pueden ser total o parcialmente inactivadas (fenómeno de primer paso hepático), y de allí pasan a la circulación general. Cuando se produce una intoxicación mortal y se realiza la autopsia, el primer lugar donde se busca el xenobiótico es en el tubo digestivo y en el hígado. Pero algunas sustancias como la insulina (polipéptido de 51 aminoácidos) no son activas por vía oral porque se degradan en el tubo digestivo, y otras como los antibióticos aminoglicosídicos (estreptomina, neomicina, paromomicina, etc.) no se absorben porque están muy ionizadas. Algunos tóxicos como la atropina, la cocaína o la nicotina son muy liposolubles y se absorben por todas las vías, incluidas la piel y las mucosas (vaginal, rectal, conjuntival, nasal, sublingual, etc.). Con cierta frecuencia se han descrito, especialmente en niños, cuadros de intoxicación aguda por sulfato de atropina administrada por vía conjuntival para el diagnóstico del estrabismo. En su novela “El espejo se rajó de parte a parte”, la persona asesina sustituye el vasoconstrictor nasal por una solución concentrada de ácido cian-

hídrico que al ser absorbido rápidamente a través de la mucosa nasal provoca la muerte de la víctima. En “El toro de Creta” el asesino pone sulfato de atropina en la crema de afeitar de la víctima: el alcaloide se absorbe a través de las heridas y escoriaciones que provoca el afeitado. [...] Las principales novelas de Agatha Christie en las que el criminal produce drogodependencia en sus víctimas son: “Los caballos de Diomedes” (cocaína), “La captura de Cerbero” (cocaína), “Muerte en las nubes” (cocaína), “Peligro inminente” (cocaína), “Telón” (etanol, barbitúricos), “El asesinato de Rogelio Ackroyd” (heroína), “La trayectoria del boomerang” (heroína), “Maldad bajo el sol” (heroína), etc. Agatha Christie en el “Rebaño de Gerión” describe el efecto euforizante de un preparado de cannabis. (Velasco-Martín, Velasco-Sendra 2017:53-54).

Foi naquele momento também que escreveu seu primeiro livro, *O Misterioso Caso de Styles*, dando vida ao seu investigador mais famoso, quiçá também do mundo da Literatura, atrás somente de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle: o ex-policia belga Hercule Poirot. Esse livro, escrito em 1915 e publicado somente em 1920, apontava para o fracasso, pois por sua publicação inicial ela recebera a módica paga de vinte e cinco libras. Curiosamente, o livro havia sido recusado por seis editoras antes de ser publicado pela primeira vez.

Sem embargo, quando se trata de Agatha Christie, nada é o que parece ser, afirma Curran (2009:75), e segue: sem se permitir abalar sua autoestima por essa recepção tão desanimadora à sua primeira publicação, ela insistiu e seguiu escrevendo e publicando. Sem o saber, mas já o intuindo, ela estava certa em continuar. De volta à Inglaterra, finda a guerra, compraram uma casa, em 1924, e a batizaram de *Styles*, em homenagem à sua obra de estreia e que seria também o cenário do último caso que Hercule Poirot assumiria antes de morrer em *Cai o Pano* (1975).

Há que se pontuar aqui que o romance policial, conforme Massi (2011:20), naqueles idos, não tinha a mesma receptividade e nem era bem-visto no meio literário como o é hoje porque era considerado um gênero inferior se comparado aos demais. Assim sendo, Agatha adentrou um terreno onde as mulheres não abundavam – a Literatura – e o fez justamente em um gênero não muito apreciado pelos críticos: um duplo risco. Contudo, ela parecia, tal como um Ciclope, prever o sucesso que teria ao apostar tão alto.

Após quatorze anos de casamento, em 1928, Agatha scandalizou a sociedade com seu divórcio – algo impensável para uma pessoa de sua classe social e cultura, mas, principalmente, por ser ela uma mulher e apesar de que não fora ela quem o pedira. De acordo com Morgan (2018:43), o motivo para a separação do casal foi uma traição de Archibald, que estava mantendo uma relação extramatrimonial com uma jovem chamada Nancy Neale. Curran (2009:57) explica que não se sabe se para prejudicá-lo, como uma forma de vingança e de atrair para si a comiseração

alheia, ou se esse já seria o início de sua senilidade (que ao fim da vida, lhe traria o Mal de Alzheimer), mas Agatha participou de uma situação na qual foi protagonista e que sepultou e cimentou a reputação de seu ex-marido: durante onze dias, de 4 a 15 de dezembro de 1928, esteve desaparecida e dada como morta quando, misteriosamente, foi encontrada no Harogate Spa Hotel, em North Yorkshire, sob o nome de Theresa Neale (cujo sobrenome era o mesmo da amante de Archibald), como se ela tivesse vindo da África do Sul e se hospedado ali. Sem dar maiores explicações, Agatha encerrou a celeuma afirmando que sofria de amnésia. Para outros ela confessaria a verdade: *Como Agatha escreveu anos depois em sua autobiografia, ela estava exausta após a morte da mãe e subsequente limpeza da casa, além de angustiada pela confissão do marido, Archie, de que amava outra pessoa.* (Morgan 2018:7). Com estes ingredientes indigestos (traição por parte do cônjuge, morte da progenitora e divórcio), não nos parece estranho que ela tenha agido assim: à primeira vista, com certa dose de histeria atrelada ao extravasamento da dor, mas considerando-se as circunstâncias e o contexto, de maneira até certo ponto bastante coerente.

Conforme Massi (2011:41), o desaparecimento – que causou comoção nacional e envolveu um grande contingente de policiais, escoteiros, mergulhadores e pessoas comovidas com sua provável morte, que a buscaram incansavelmente na região de Newlands Corner, em frente à Silent Pool, onde seu carro fora encontrado com os faróis acesos – atraiu os holofotes para ela, catapultando-a literariamente e servindo de poderoso *marketing* para a divulgação de seu trabalho e para a publicação de seus livros dali em diante. De mais a mais, o fato de uma mulher possivelmente ter sido tão artilosa a ponto de se promover em cima da ruína da reputação de seu ex-marido traidor encontrou a simpatia do público que já a lia e do que não a conhecia ainda, e o fato de possuir um automóvel quando esse bem era de propriedade hegemonicamente dos homens, deu a justa medida do quanto essa mulher era diferente de suas conterrâneas e contemporâneas.

Naquele torvelinho emocional, tentando abstrair e escapar à dor emocional que a afligia, ela fez uma das viagens de seus sonhos: percorrer de Paris a Istambul no Expresso do Oriente. Foi assim, convencida de que essa viagem mudaria os rumos de sua história, que ela embarcou nesse trem glamoroso sozinha, rumo ao Oriente Médio e, ao desembarcar em Istambul, seguiu viagem por Damasco, Bagdá e chegou a Ur, na Síria, onde, sem o saber, encontrava-se Max Edgar Lucien Mallowan, um proeminente arqueólogo britânico, quatorze anos mais jovem do que ela e um amante das viagens também. Eles ainda não sabiam, mas esse encontro de almas, conforme Christie (2017:21), selaria os seus destinos: casar-se-iam dali a dois anos, viajariam por quase todo o mundo e, embora não tenham deixado descendência, seu amor transcendeu essa lacuna e eternizou-se nos quarenta e seis anos que seu

casamento durou, finalizando essa parceria de amor apenas em 1976, com a morte dela por pneumonia, aos oitenta e cinco anos de idade.

Apresentada uma breve biografia de Christie, seguimos com sua faceta escritora, apresentando-a e mostrando como as viagens inspiraram-na a escrever profissionalmente.

4. Resultados e discussões

4.1. A Escritora Agatha Christie

Christie é, indubitavelmente, uma das maiores escritoras que o mundo já conheceu. Ineditista e quebradora de paradigmas, escreveu dos vinte aos bem entrados oitenta anos – em uma carreira literária longa e amplamente premiada que durou quase sete décadas. Apesar de nunca se haver imaginado chegar a ser uma escritora um dia, porque esse nunca fora um plano seu e tampouco se cria o suficientemente competente para isso, fê-lo com maestria absoluta, sendo reconhecida como “The Lady of Crime” ou “The Queen of Crime”, ou seja: a “Dama do Crime” ou “A Rainha do Crime”, deixando suas marcas impressas em seu estilo de escrita que vem influenciando milhões de leitores e escritores de romances policiais desde então. (Montijano-Ruiz 2019:88)

Não somente seu estilo, mas o suspense que empregava em cada um de seus oitenta livros publicados e a riqueza de detalhes dos cenários cosmopolitas de suas tramas neles, atraem e prendem o leitor do início ao fim da leitura. Por meio de suas riquíssimas descrições, impregnadas de adjetivos e, ao mesmo tempo, de uma linguagem acessível, podemos viajar para os mais longínquos e exclusivos lugares do planeta: da Mesopotâmia à Riviera Inglesa, do Caribe a Petra, do Egito às Ilhas Canárias.

Reimão (1983:82), fazendo jus à grandiosidade dela, afirma que suas obras, atemporais, fizeram dela a escritora mais traduzida do mundo em todos os tempos: são, no momento ², traduções em 104 (cento e quatro) idiomas, ficando atrás somente de Shakespeare e da Bíblia. Como tudo o que se refere a Christie é fabuloso, fora do comum e exponencial, com seu legado literário não poderia ser diferente: publicou, como supramencionado, oitenta livros, sendo 66 (sessenta e seis) romances policiais, 14 (quatorze) coleções de contos, além de 06 (seis) novelas românticas sob um pseudônimo esdrúxulo – “Mary Westmacott”, que ela manteve oculto por mais de vinte anos –, além de livros infantis, poemas, biografias e 19 (dezeno-

2 Dia 01 de julho de 2021 (Nota da Autora).

ve) peças de teatro. Dentre as obras dramáticas por ela escritas, destaca-se *The Mousetrap* (1952), a peça teatral que mais tem sido apresentada ininterruptamente no mundo. Calcula-se que desde 1952, quando de sua estreia em teatros britânicos, já foi assistida por mais de 60.000.000 (sessenta milhões de espectadores). Ao todo, até agora, seus livros venderam a média de 2.000.000.000 (dois bilhões) de cópias (*ibidem*:87).

Por esses e outros feitos inéditos literariamente falando, consoante Morgan (2018:18), ela tem sido considerada “A Escritora de Mistério do Século XX” e, plenamente exitosa, acompanhou a translação de grande parte de sua obra literária para o cinema, o rádio, o teatro e a televisão em um patente exemplo de transposição midiática bem-sucedida. Para que tenhamos uma ideia de sua magia para com as palavras, com o mercado literário e com a mensagem poderosa que seu nome associa na mente do público leitor, chegou a vender 100.000 (cem mil cópias) de dez de seus livros em um mesmo dia (Reimão1983:89), assim como foi capaz de escrever um romance inteiro em um único final de semana e de criar uma personagem tão sumamente popular (Hercule Poirot) que quando esse morreu, em seu último romance, *Cai o Pano* (1975), o jornal norte-americano *The New York Times* viu-se na necessidade de dedicar-lhe um obituário – algo inédito e inacreditável – tão humana era essa personagem aos olhos de quem acompanhava os casos que ela resolvia.

Conforme a própria Agatha (2017:80), em sua autobiografia, suas histórias nasciam completamente ao acaso, a partir de suas observações cotidianas, de suas aventuras pelo mundo e das pessoas, cenários e situações que vivenciava. É sobre a trivialidade de aspectos comuns da vida, mesmo que em cenários deslumbrantes, muitas vezes, pano de fundo de seus enredos, que ela discorre quando diz:

Occasionally, there is a Royal Palace, sometimes a Temple, much more rarely a Royal burial. These things are spectacular. They appear in newspapers in headlines, are lectured about, show on screens, everybody hears of them! Yet I think to one engaged in digging, the real interest is in the everyday life – the life of a potter, the farmer, the tool-maker, the expert cutter of animal seals and amulets – in fact, the butcher, the baker, the candlestick-maker. (Mallowan 1946:98)

Seu estilo de escrita é único e inconfundível. Percebemos que ela bebeu da mesma fonte que inspirou Edgar Allan Poe, Howard Phillips Lovecraft, Arthur Conan Doyle e Stephen King, mas utilizou-se de um recurso que nenhum deles tinha: as narrativas de viagens que se transformaram em roteiros perfeitos de histórias de assassinatos impactantes.

Usando de ironia e de algumas outras figuras de linguagem, além de um

campo semântico suficientemente amplo ainda que não elitista, ela alcança leitores cuja proficiência leitora varia do intermediário ao avançado, fazendo-os viajar com ela por cenários paradisíacos, situações inusitadas e intrigas envolventes, sempre com uma inquietante e inadiável angústia interior para descobrir quem matou as vítimas em dado livro. Pode parecer simples, mas o simples anda de mãos dadas com a complexidade – por mais paradoxal que isso possa parecer.

Contudo, por maior que tenha sido Agatha Christie, possivelmente ela teria sido menos inspirada se não tivesse viajado tanto, por tanto tempo e por tantas vezes. Sua vida orbitou em torno das viagens fabulosas que fez durante toda a sua longa existência – sozinha ou acompanhada. Sobre a influência dessas incursões e tudo o que ela delas depreendeu para adicioná-las às suas personagens e histórias por contar, tratamos a seguir.

4.2. A Influência das Viagens nas Obras de Agatha Christie

Como vimos reiterando ao longo desse trabalho, Christie foi uma grande viajante durante toda a sua vida e tudo o que experimentara durante suas excursões mundo afora, transpunha para seus livros em forma de cenários, personagens e temáticas. Pode-se dizer que ela incorporava à sua estrutura narrativa o que lhe impressionava em cada uma dessas experiências e, como normalmente eram plasmas em histórias que rapidamente capturavam o interesse do leitor, enganchavam-no de tal maneira que o faziam ler o livro em uma tirada, sem tempo nem interesse e nem fôlego para pousar ou parar a leitura antes de alcançar a última página e descobrir a identidade do assassino insuspeitado.

Acostumada a viajar desde criança, com os pais e os irmãos, nem que fosse pelas casas senhoriais onde veraneavam em sua amada Inglaterra; apaixonada pelo mar, por ilhas e pelos esportes aquáticos; influenciada pelo universo dos venenos, no qual entrara de maneira despreziosa, Agatha Christie utilizou-se desses e de todos os outros contatos que fez com a cultura para escrever sua vasta obra (Christie 2017:204). Particularmente quanto aos venenos, vemos a utilização massiva deles em obras emblemáticas suas, como, por exemplo:

Los *glucosidos card* fueron utilizados en “Cita con la muerte”, “La casa torcida”, “La puerta del destino”, “Un cadáver en la biblioteca” y en “El triángulo de Rodas”. El ácido cianhídrico y sus sales fueron empleadas en “Noche eterna”, “Los cuatro grandes”, “Diez negritos”, “Cianuro espumoso”, y en “El espejo se rajó de parte a parte”, entre otras. El arsénico se empleó en “Después del funeral”, y en “Matar es fácil”. La estricnina es empleada en “El misterioso caso de Styles”. [...] La morfina fue empleada en “Un triste ciprés”, “La trayectoria del boomerang”, “Se anuncia un asesinato”, “El reloj de las siete esferas”. El curare lo utilizó en “Muerte en las nubes”.

Los hipnóticos barbitúricos y no barbitúricos los utilizó en “Cartas sobre la mesa”, “El asesinato de Rogelio Ackroyd” (en opinión de buena parte de la crítica su mejor novela policíaca), “Poirot pierde un cliente”, “La muerte de Lord Edgware”, “El misterioso Mr. Brown”. Empleó el monóxido de carbono en “Asesinato en Mesopotamia”, y “Misterio en el Caribe”. Recurrió al empleo de la eserina o fisostigmina en “Telón”. [...] El empleo de alucinógenos es descrito en “La tercera muchacha” y “Pasajero para Frankfurt”. La coniína o cicutina es empleada en “Cinco cerditos”; la taxina, en “Un puñado de centeno”; la aconitina en “El truco de los espejos”, y en “La puerta del destino”; la nicotina en “Tragedia en tres actos”; la atropina, en “La huella del pulgar de San Pedro”; el ácido oxálico, en “Matar es fácil”; la nitroglicerina, en “La caja de bombones”; el fósforo elemento en “El testigo mudo” (en esta novela la asesina se suicida con hidrato de cloral), etc.. (Velasco-Martín, Velasco-Sendra 2017:51-52)

À luz de Montijano-Ruiz (2019:84), antes da mítica viagem de trem que mudaria completamente a sua vida, através do Expresso do Oriente, em 1928, logo após a dissolução de seu casamento com Archibald Christie, quando ainda estava com ele e terminada a guerra há alguns anos, ambos foram convidados para uma viagem de dez meses, em navio. Era 1922. Conforme Christie (2013:217), a viagem tencionava promover o comércio e fortalecer os laços diplomáticos dentro da egrégora da Nação-Mãe (Inglaterra) com seus antigos parceiros e antigas colônias. Tratava-se do *Grand Tour* pelos Estados Unidos, Canadá, Havaí, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

Aquele foi, certamente, o grande *turning point* de sua faceta como escritora. Christie (*ibidem*:218) afirma que deixando sua única filha, Rosalind, aos cuidados de sua mãe e dos serviçais, empreendeu essa viagem de quase um ano, acompanhada não somente por Archibald, mas por alguns amigos do casal também. Em sua biografia sobre ela, Morgan (2018:77) relata que a bordo do navio *Kildoman Castle*, zarparam da Inglaterra rumo ao sul em direção ao Golfo da Biscaia e depois fizeram escala na Ilha da Madeira, a caminho da Cidade do Cabo, na África do Sul. Ali, Agatha visitou várias cidades e extasiou-se com algumas paisagens naturais inspiradoras. Depois, conforme Christie (2013:219), rumaram para a Austrália e a Nova Zelândia, países que ela percorreu sorvendo cada detalhe. Em seguida, para o norte, desembarcando em Honolulu, no arquipélago do Havaí. Seguiram-se o Canadá (Winnipeg, Ottawa e Montreal) e Nova Iorque, nos Estados Unidos, a partir de onde, a bordo do *Berengaria*, fizeram a viagem de regresso ao seu país natal.

Para registrar o dia a dia nessa aventura, como se de um diário de bordo se tratasse, Christie escrevia cartas à sua mãe e à sua filha, que depois foram reunidas em um livro por ela. Christie (*ibidem*:21) explana que nessa correspondência epistolar, lhes relatava sobre assuntos triviais, tais como: as queimaduras solares, as

visitas interessantes que faziam quando o navio aportava, a prática do *surf*, os enjooos marítimos, a patinação nos portos com seus amigos e amigas e todo o *glamour* que essa viagem representava, como a música e a dança (especialmente o *charleston*, típico dos salões de dança naquele momento de “Anos Loucos”).

Entretanto, seu engenho literário ultrapassava a escrita simples de um diário de viagem e registrava também sua visão crítica e muito consciente acerca das sombras do Neocolonialismo nesses países. Tudo o que vira, ouvira, aprendera e vivenciara nessa longa estadia serviu de material e inspiração para os livros, contos, poemas e dramas que escreveria a seguir. Neles também eternizou, em forma de personagens, várias pessoas que por ela passaram nesse e em outros momentos, sem que ela se preocupasse minimamente em esconder suas identidades sob nomes fictícios. (Reimão 1983:49)

Apesar de sempre haver viajado muito, em nenhuma fase de sua vida ela viajou tanto nem por tanto tempo como quando se casou em segundas núpcias como o arqueólogo Max Mallowan. A viagem que uniria os dois, iniciada em Paris, por meio do *Expresso do Oriente*, rendeu a Christie uma de suas obras mais emblemáticas, um dos livros que mais fama lhe deu: *Assassinato no Expresso do Oriente*, publicado em 1931, um ano após esse segundo casamento se concretizar legalmente. Para essa obra, ela se inspirou em viajantes e acontecimentos reais: o trem necessitava parar seu trajeto devido a uma nevasca, que acabou solidificando a neve e perigosamente cobrindo os trilhos. De tal maneira isso se deu que somente puderam seguir viagem dois dias depois. Foram apenas dois dias nos quais ela ficou parada sobre os trilhos gelados, mas tempo suficiente para que gestasse essa obra-prima. (Morgan 2018:95)

Vale lembrar que tanto a História como a Arqueologia e outras ciências, tais como as conhecemos hoje, surgiram e/ ou foram sistematizadas no século XIX, não em vão coincidindo com a Era Vitoriana e com a expansão do Império Britânico em forma de Neocolonialismo. A Arqueologia, principalmente, era, a princípio, uma área do conhecimento acessível apenas aos mais ricos. Somente os da classe média alta ou os da classe alta podiam pagar as viagens caras a lugares exóticos para que seus filhos se dedicassem a escavações que tanto poderiam levar a grandes descobertas como também a descoberta alguma. Escavar arqueologicamente era, então, uma atividade que se poderia comparar a um exercício de ostentação, um atestado de riqueza.

Contudo, de acordo o jornal catalão *La Vanguardia* (2019), muito devemos a esses arqueólogos primeiros, que tanto colaboraram com a humanidade ao descobrirem, explorarem e preservarem sítios arqueológicos que trouxeram à luz his-

tórias que a História desconhecia ou pouco sabia: Howard Carter (descobridor do túmulo de Tutankhamon – o maior achado arqueológico do século XX), Heinrich Schliemann (introdutor da fotografia na Arqueologia e grande investigador das cidades envolvidas na Guerra de Troia), William Flinders Petrie (criador do Método das Datas Cruzadas, além de ter descoberto e explorado a Era Pré-dinástica egípcia), Henri Breuil (especialista em pinturas rupestres em cavernas paleolíticas) e Kathleen Kenyon (que fez inúmeros descobrimentos na Terra Santa).

De acordo com Montijano-Ruiz (2019:35), o arqueólogo Max Mallowan trabalhou na Síria e no Iraque por bastante tempo e Agatha estava sempre com ele – e não apenas para acompanhá-lo, mas ajudando-o nas escavações e nas descobertas de novos sítios arqueológicos. Como fotógrafa experiente que era, ajudou-o muito nos registros dos achados, além de encontrar, limpar, restaurar e catalogar peças com ele e que hoje repousam no Museu Britânico, em Londres.

Indubitavelmente, o Oriente, não somente por seu exotismo (que encantava os britânicos de então e albergava o trabalho de seu novo esposo), foi uma influência imensurável para ela, uma inspiração poderosa na concepção e escrita de muitas de suas obras. Percebemos a importância que foi, por exemplo, o Egito para ela quando nos deparamos com romances seus tais como *Morte no Nilo* (1936). Dentre suas obras inspiradas no Oriente, podemos citar: *Assassinato na Mesopotâmia* (1936), ambientado, como o título sugere, na Mesopotâmia; *Encontro com a Morte* (1938), em Petra e Jerusalém; e *Vem e Diz-me Como Vives* (1946), nas escavações arqueológicas da Síria e do Iraque – exitosamente adaptadas ao cinema e ao teatro. Quanto à confecção de *Encontro com a Morte* (1938), especificamente, pontua-se que:

Agatha não negligenciou a escrita enquanto estava na Síria. Como sempre, levou antigos livros de exercícios, e em um deles, etiquetado com emoção como “Hôtel de l’Expédition, Chagar Bazar”, rascunhou várias ideias para a escrita daquela temporada. A segunda ideia dessa lista rapidamente se transformou em livro, um pensamento que começou com um título: “Rose Red Murder” ou “Rose Red Death”. Isso acabou virando *Encontro com a Morte*, um mistério que se desenrola em Petra, que Agatha e Max haviam visitado em uma de suas viagens. (Morgan 2018:95)

Como Christie nasceu em uma ilha, na Inglaterra, Reimão (1983:50) aponta que ela era uma apreciadora de ilhas e que inclusive morou, com muito gosto, nas Ilhas Canárias por alguns meses com Rosalind, logo após o divórcio conturbado que tivera de seu primeiro esposo. Nessa estância, terminou de escrever *O Mistério do Trem Azul* (1928), que vinha sendo escrito por ela desde 1926, no penoso luto que ela arrastou por mais de dois anos pela morte da mãe, sua grande amiga e incentivadora. Sobre este momento difícil, ela comenta em sua autobiografia:

Tive certa dificuldade em realizar essa viagem, mas sabia que a única esperança de recomeçar a vida era cortar tudo o que a destruíra. Depois do que sofrera, não podia haver paz na Inglaterra para mim. A única alegria de minha vida era Rosalind. Se pudesse ficar sozinha com ela e com minha amiga Carlo, as coisas seriam muito melhores e eu poderia, então, enfrentar o futuro. Mas continuar na Inglaterra era-me insuportável. [...] Desde que minha mãe morrera, não fora capaz de escrever uma palavra. Um livro era esperado naquele ano [...]. (Christie 2017:72-73)

Ainda sobre essa predileção pelo cenário insular, publicou *Mistério no Caribe* (1964) e, em 1939, em sua propriedade na Ilha de Burgh, ao sul de Devon, escreveu *Morte na Praia* (1941) e *O Caso dos Dez Negrinhos* (1939), seu livro mais vendido, além de ser também o romance policial mais vendido de todos os tempos, que depois, por uma questão política, teve seu título trocado para *E Não Sobrou Nenhum*, a fim de não soar racista, como soava originalmente. (Montijano-Ruiz 2019:19)

Hercule Poirot e Miss Marple, dois de seus investigadores mais famosos, resolveram mistérios em diversos destinos litorâneos da Inglaterra: em cavernas isoladas, enseadas pedregosas, ilhas particulares e hotéis caros no topo de encostas. Vale ressaltar que Christie tinha fascinação por hotéis, especialmente os suntuosos, onde se hospedava quando viajava e onde também escrevia, inspirada pelo luxo e/ou pelo exotismo do lugar, uma vez que sua máquina de escrever era parte importante, integrante e imprescindível de sua bagagem em suas viagens. Alguns desses hotéis ficaram mundialmente famosos e passaram a fazer parte do itinerário de viagens dos apreciadores de seu legado literário. (Morgan 2018:69)

Já sua preferência por lugares exóticos ingleses deu origem a livros como *A Casa do Penhasco* (1932) e *Morte na Biblioteca* (1942). Muitos de seus escritos tiveram como cenário, Greenway, sua casa de veraneio (descrita por ela como “o lugar mais adorável do mundo”), um paraíso às margens do Rio Dart e que serviu de inspiração para a escritura, por exemplo, de *Os Cinco Porquinhos* (1942), *A Extravagância do Morto* (1956) e *Punição para a Inocência* (1958). Mais do que isso, de seus sessenta e seis romances policiais, quarenta são ambientados na Riviera Inglesa que ela tão bem conhecia desde menina, especialmente Torquay, no condado de Devon, seu rincão de origem. As casas de campo ou de veraneio senhoriais que ela frequentou a vida inteira estão presentes massivamente em suas tramas envolventes, assim como os cenários deslumbrantes das Ilhas Britânicas. (*ibidem*:70-71)

Independentemente do lugar, se na sua adorada Inglaterra ou fora dela, atestamos o quanto viajar pelo mundo, durante toda a sua longa vida, propiciou a Agatha Christie inspiração, informações e materiais suficientes para a escrita de seus livros. Indubitavelmente, com toda a cultura que tinha, aliada a uma verve li-

terária irrepetível, teria sido uma grande escritora sempre, mesmo sem ter viajado tanto. Sem embargo, tudo o que viu, ouviu, sentiu e viveu durante suas constantes viagens mundo afora, com ou sem companhia, fizeram dela uma narradora única, com um estilo singular de cristalizar suas narrativas, que vêm servindo de modelo para quem vem seguindo a trajetória que ela ajudou a pavimentar com suas contribuições literárias, juntamente com outros escritores de romance policiais, mas, inquestionavelmente, a nosso ver, muito melhor do que todos eles juntos, somados e multiplicados uns pelos outros.

5. Considerações finais

Ao finalizarmos esse trabalho, demonstramos o quão grande essa escritora foi, o quão ineditista e avançada foi para o seu tempo, além do número de paradigmas e padrões comportamentais e de estilo de escrita que ela rompeu de maneira incontornável. Testificamos igualmente a qualidade de sua obra, a importância de seu legado literário, a primazia de sua escritura e, sobretudo, o quanto de suas viagens pelo mundo está contido em seus romances policiais, romances românticos, poemas, livros infantis e peças teatrais; o quanto de suas vivências, em diversos países do mundo, afetou sua forma de conceber as personagens, as tramas e os cenários de seus enredos premiados.

Agatha Christie, por mais que seja objeto de estudo de investigadores dos mais diversos campos do saber, segue sendo insuficientemente estudada dada a imensidão de seu legado cultural e a profundidade de análise que podemos fazer do mesmo. Sendo uma mulher culta, rica, viajada e verbalizada, Christie modificou a forma de se fazer Literatura, principalmente romances policiais. Mergulhar no universo que ela tão bem soube criar, manter e eternizar é um convite irrecusável à investigação, à reflexão e à produção acadêmica.

Referências bibliográficas

- CHRISTIE, Agatha (2017), *Autobiografia*, Tradução Bruno Alexander, Porto Alegre, L & PM.
- (2013), *The Grand Tour: Letters and Photographs from the British Empire Expedition 1922*, London, Harper Collins Publisher Ltd.
- CURRAN, John (2009), *Os Diários Secretos de Agatha Christie*, Tradução: ROCQUE DA MOTTA, Thereza Christina, Lisboa, Editora Leya.
- LA VANGUARDIA (2019), *Cinco arqueólogos que dejaron huellas* [s. a.], *Historia y vida*, <https://>

www.lavanguardia.com/historiayvida/mas-historias/20190525/47311961813/5-arqueologos-que-dejaron-huella.html

MALLOWAN, Agatha Christie (1946), *Come, Tell Me How You Live: An Archaeological Memoir*. London, Harper Collins Publisher Ltd.

MASSI, Fernanda (2011), *O Romance Policial do Século XXI: manutenção, transgressão e e inovação do gênero*, São Paulo, Cultura Acadêmica.

MONTIJANO-RUIZ, Juan José (2019), *Los Mundos de Agatha Christie*, Madrid, Armaenia Editorial.

MORGAN, Janet (2018), *Agatha Christie: uma biografia*, Tradução AZEREDO, Patricia, Rio de Janeiro, Editora Best Seller.

REIMÃO, Sandra Lúcia (1983), *O que é Romance Policial*, 2 ed, São Paulo, Editora Brasiliense.

VELASCO-MARTÍN, Alfonso; VELASCO-SENDRA, Alfonso (2017), "El veneno en la novelística de Agatha Christie (1890-1976)", *Anales de la Real Academia de Medicina y Cirugía de Valladolid*, 54, 47-56.